

USO DO PRESERVATIVO FEMININO COMO MÉTODO CONTRACEPTIVO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE - CE

Female condom as a contraceptive method: experiences of women in a Basic Health Unit in Juazeiro do Norte - CE

Grayce Alencar Albuquerque¹, Wilsa Vieira Villela²

RESUMO

O preservativo feminino é uma forma de contracepção que permite à mulher ter maior controle sobre seu corpo, mas não é oferecido na maioria das unidades de saúde, o que favorece o baixo conhecimento das mulheres sobre ele. Este estudo objetivou investigar as experiências de mulheres de uma Estratégia Saúde da Família em Juazeiro do Norte - CE a respeito do preservativo feminino como contraceptivo. Trata-se de um estudo exploratório e qualitativo, realizado em abril de 2009, que se desenvolveu em etapas: captação das mulheres através de convites para participação de atividade educativa para apresentação do insumo, realização das atividades, formação de pequenos grupos para um segundo encontro educativo e, após este momento, experimentação individual de uma unidade do insumo no consultório de enfermagem para obtenção das impressões iniciais do método, experimentação do insumo por um mês em domicílio e retorno para realização de entrevistas semiestruturadas. Vinte mulheres participaram do estudo, a maioria com idade superior a 25 anos, casadas, com média de dois filhos, domésticas, e utilizando contraceptivos hormonais. Grande parte delas demonstrou surpresa ao primeiro contato e espanto com o modelo em decorrência de seu tamanho. Depois do uso, a maioria relatou impressão positiva, embora revelassem dificuldades de manuseio e introdução do mesmo em vagina devido à excessiva lubrificação. Questionadas frente à opção contraceptiva, as mulheres aprovaram o modelo como contraceptivo, especialmente em substituição aos contraceptivos hormonais, por estes causarem inúmeros efeitos colaterais. No entanto, a substituição não é feita na prática, muitas vezes por consequência da desaprovação do companheiro em relação ao mesmo, o que revela, nessas

ABSTRACT

The female condom is a form of contraception that offers to the woman major control over her body, but it is not offered most health centers, what favor the low knowledge about it. This study aimed to investigate the experiences of women assisted in a Family Health Strategy in Juazeiro do Norte city, Ceará, concerning the female condom as contraceptive. This is a exploratory and qualitative study, accomplished in April 2009, that was developed in stages: summoning of women through invitation to take part in an educational activity for submission of the material, implementation of activities, formation of small groups for a second educative meeting and after that time, individual experimentation of one unit in the nursing office to obtain initial impressions of the condom, experimentation of the posterior experimentation for a month at home and return for structured interviews. Twenty women participated in the project, most of them older than 25 years, married, an average of two children, housewife, using hormonal contraceptives. Many of them expressed surprise and astonishment at the first contact with it as a result of its model. After the use the majority reported positive impression, although they had revealed difficulties in handling and introducing it in the vaginal because of its excessive lubrication. When questioned about the contraceptive option, the women approved the female condom as contraceptive, especially in substitution of hormonal contraceptives, for they cause several collateral effects. However, this substitution is not put in practice, often for the disapproval of the partner, what disclose their necessity of obedience. It is observed, then, that in practice, the female condom is tied up for the gender relations. It is therefore important to assure to these women not only the contact with the female condom

¹ Grayce Alencar Albuquerque, Enfermeira da Estratégia Saúde da Família do município de Juazeiro do Norte - CE e Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: geycy@oi.com.br

² Wilsa Vieira Villela, Doutora em Medicina Preventiva. Professora Visitante do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

mulheres, a necessidade de obediência ao companheiro. Observa-se assim que, na prática, o preservativo feminino torna-se refém das relações de gênero. Por isso, é importante garantir a estas mulheres não somente o contato com o preservativo feminino, mas também a participação, delas e de seus companheiros, em atividades educativas que enfoquem temáticas relacionadas ao gênero, sexo, sexualidade, empoderamento, acordos e trocas sexuais, uma vez que somente desta forma as mulheres poderão assumir o controle de seus corpos e tornarem-se sujeito na transformação e proteção de suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Anticoncepção; Planejamento Familiar; Dispositivos Anticoncepcionais; Preservativos Femininos; Pesquisa Qualitativa.

INTRODUÇÃO

Como uma das atividades oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o Programa de Planejamento Reprodutivo é realizado no nível básico de atenção à saúde, e constitui uma das ações implementadas na Estratégia Saúde da Família (ESF), objetivando oferecer às mulheres métodos contraceptivos.¹

Os métodos contraceptivos a serem disponibilizados por este programa incluem os contraceptivos hormonais orais e injetáveis, métodos de barreira e o Dispositivo Intra Uterino (DIU), bem como a orientação e encaminhamento para a esterilização voluntária masculina e feminina. No entanto, neste nível de atenção primária à saúde (ESF), existe a predominância do uso dos contraceptivos hormonais e do preservativo masculino como método de barreira, tendo os demais métodos baixa estimativa de cobertura.²

Objetivando ampliar o leque de opções contraceptivas no país, o preservativo feminino se encontra no elenco de métodos contraceptivos a serem dispensados nos Programas de Planejamento Reprodutivo.¹ Dadas as limitações da produção internacional deste insumo, a sua distribuição pela rede pública de atenção à saúde restringe-se a determinados municípios, serviços e populações.

O preservativo feminino é um método contraceptivo de barreira, de cobertura macia, mais resistente que o masculino, feito de plástico de poliuretano. É considerada uma positiva inovação para o elenco de métodos contraceptivos, e parece promover maior controle das mulheres sobre seus corpos, podendo reduzir o número de relações sexuais desprotegidas e a ocorrência de gravidezes indesejadas.³

but also, to them and to their partners, access to educative activities that focus on gender issues, sex, sexuality, empowerment, agreements and sexual exchanges, once only for that the women can take the control of their bodies and become active in their lives' transformation and protection.

KEY WORDS: Contraception; Family Planning (Public Health); Contraceptive Devices; Condoms, Female; Qualitative Research.

No Brasil, o preservativo feminino é distribuído pelo SUS para mulheres que apresentem risco elevado de aquisição do vírus da imunodeficiência humana (HIV), o que exclui grande parte das mulheres que não apresentam risco percebido de infecção pelo HIV ou mesmo aquelas com baixo risco de infecção.

A distribuição do preservativo feminino expandiria as possibilidades de proteção para a população feminina, em face da presença percebida ou não do risco de transmissão do HIV.⁴ Como usuárias do serviço de Planejamento Reprodutivo, a maioria das mulheres não se percebe como potencial de risco para aquisição de patologias de transmissão sexual, embora seja crescente a epidemia de feminização da AIDS, especialmente nas mulheres em união estável.

Apesar de estudos realizados por Gullub *et al.* (1995), Diaz (1977), Brasil (1999), Kallckmann *et al.* (1998), Barbosa (2002), Vieira *et al.* (2004) conforme citações de Kalckmann¹³, outros estudos se fazem ainda necessários visando conhecer a experiência de mulheres com o uso deste insumo tecnológico como método contraceptivo.

Não é raro encontrar mulheres que realizam Planejamento Reprodutivo em unidades básicas de atenção à saúde do SUS que nunca viram um preservativo feminino e muito menos utilizaram este método. Além deste cenário, o déficit de conhecimentos acerca do preservativo feminino também ocorre entre os profissionais de saúde.⁵ Esta é uma realidade presente nas ESF do município de Juazeiro do Norte - Ceará.

Para as mulheres que se encontram adstritas às unidades de saúde da família no referido município, lócus desta pesquisa, somente o preservativo masculino e os contraceptivos hormonais orais e injetáveis são dispensados pelo Programa de Planejamento Reprodutivo.

Parte-se do pressuposto que o uso do preservativo feminino poderia reduzir o número de relações sexuais desprotegidas para uma gravidez indesejada e aumentar as habilidades e a comunicação entre a mulher e o seu parceiro, estimulando os acordos e trocas eróticas.

Desta forma, este estudo teve como objetivo investigar a experiência de mulheres com o uso do preservativo feminino como método contraceptivo em uma unidade de atenção básica incorporada à Estratégia Saúde da Família no município de Juazeiro do Norte - CE, identificando-se as vantagens e desvantagens do uso do método, a opinião dos parceiros sexuais e a adoção do preservativo feminino como método contraceptivo em suas práticas sexuais.

Conhecer a experiência de mulheres com o uso do preservativo feminino torna-se relevante para contribuir nas discussões sobre este método como insumo contraceptivo, e poder proporcionar a estas mulheres o conhecimento sobre o seu corpo, facilitando suas escolhas contraceptivas e a negociação de práticas sexuais seguras.

METODOLOGIA

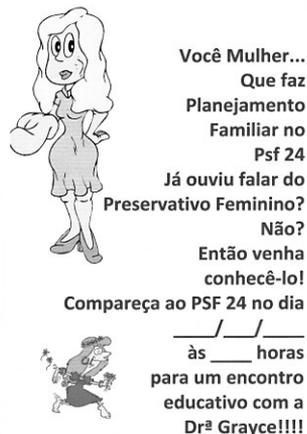
Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, que se desenvolveu no município de Juazeiro do Norte - CE, na ESF nº 24, sendo as informantes da pesquisa mulheres adscritas a esta unidade que utilizavam ou queriam utilizar métodos contraceptivos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, inicialmente foi realizado contato com o Núcleo de Prevenção de Doenças (NUPREV) da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará solicitando o fornecimento de preservativos femininos, uma vez que este não é disponibilizado para distribuição pela Secretaria de Saúde do Município. O fornecimento foi garantido.

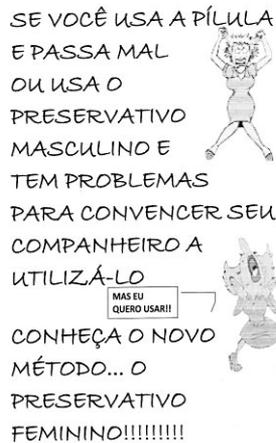
Uma vez obtida a autorização para o desenvolvimento da pesquisa pela Secretaria de Saúde do município e objetivando validar o instrumento de coleta de dados, foi realizado um pré-teste com seis mulheres usuárias de outra unidade de ESF do município.

Após validação do instrumento de coleta, iniciou-se então a captação das participantes da pesquisa na ESF nº 24, através da divulgação do preservativo feminino por meio de cartazes fixados na unidade em que as mulheres foram convidadas a comparecer a um encontro educativo agendado.

A este primeiro momento, compareceram 55 mulheres que se mostraram curiosas frente ao insumo apresentado, uma vez que nenhuma o havia visto até então. Para aquelas que revelaram interesse em experimentar o preservativo feminino como método contraceptivo foi agendado um segundo momento educativo, para grupos formados de cinco mulheres.



Você Mulher...
Que faz
Planejamento
Familiar no
Psf 24
Já ouviu falar do
Preservativo Feminino?
Não?
Então venha
conhecê-lo!
Compareça ao PSF 24 no dia
___/___/___
às ___ horas
para um encontro
educativo com a
Drª Grayce!!!!



SE VOCÊ USA A PÍLULA
E PASSA MAL
OU USA O
PRESERVATIVO
MASCULINO E
TEM PROBLEMAS
PARA CONVENCER SEU
COMPANHEIRO A
UTILIZÁ-LO
CONHEÇA O NOVO
MÉTODO... O
PRESERVATIVO
FEMININO!!!!!!!!!!!!

TER UM RELACIONAMENTO
AMOROSO É MUITO BOM!!!



MAS É PRECISO TER CUIDADO...
SE PREVENIR PARA EVITAR UMA
GRAVIDEZ INDESEJADA...
O SEXO DEVE SER SEGURO E
LIVRE DE PREOCUPAÇÕES!

ENTÃO SE VOCÊ
MULHER USA ALGUM
MÉTODO PARA EVITAR
A GRAVIDEZ E TEM
EFEITOS COLATERAIS
COM O MESMO OU O
ACHA INSEGURO.....

VENHA E PARTICIPE
DESTE ENCONTRO
EDUCATIVO NO PSF 24
PARA CONHECER O
PRESERVATIVO
FEMININO...



No segundo momento educativo, compareceram 25 mulheres que receberam informações mais detalhadas a respeito da contracepção e do preservativo feminino. Durante este encontro, as mulheres foram avaliadas quanto aos critérios de inclusão (ser adscrita à Estratégia Saúde da Família nº 24, estar cadastrada no programa de planejamento familiar da unidade de saúde, estar apta à comunicação verbal sem limitações e constrangimentos e aderir à pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Das 25 mulheres, 20 contemplaram todos os critérios de inclusão.

A cada uma destas 20 mulheres, foi solicitado que se dirigissem individualmente ao consultório de enfermagem da ESF nº 24 para tentar a colocação do preservativo feminino e para que se pudessem prestar maiores esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas a respeito da colocação e o uso do insumo.

Para aquelas que retornaram do consultório de enfermagem e decidiram levar preservativos femininos para utilização, foi solicitada a leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e realizado o preenchimento de um formulário com informações sobre o perfil

das participantes e sobre suas primeiras impressões acerca do preservativo feminino testado em consultório.

Figura 1 - Formulário de pesquisa: Perfil dos participantes

Impressões iniciais acerca do Preservativo Feminino

Iniciais da participante: _____ Idade: _____

Situação conjugal: _____

1 - Dificuldades de manuseio com o método:

() Sim () Não

2 - Dificuldades de inserção do método no intróito vaginal:

() Sim () Não

3 - Desconforto à colocação do método:

() Sim () Não

4 - Insegurança quanto ao método ter sido colocado corretamente:

() Sim () Não

5 - Receio de o método entrar no intróito vaginal:

() Sim () Não

6 - Método demasiadamente grande (anti-estético):

() Sim () Não

7 - Receio de o parceiro não aprovar:

() Sim () Não

8 - Presença de dúvidas a respeito do método:

() Sim () Não

9 - Insegurança quanto à proteção contraceptiva do método:

() Sim () Não

10 - Dificuldades de retirada do método do intróito vaginal:

() Sim () Não

11 - Preferência do preservativo masculino ao feminino:

() Sim () Não

12 - Preferência de outro método ao preservativo feminino:

() Sim () Não

13 - Outras informações percebidas pela pesquisadora: _____

14 - Primeira impressão do preservativo feminino:

() Positiva () Negativa

15 - Após conversa com a pesquisadora (retirada de dúvidas) deseja ainda experimentar o preservativo feminino como contraceptivo?

() Sim () Não

Após preenchimento dos formulários, cada participante recebeu 13 unidades de preservativos femininos, quantidade semelhante à distribuição mensal preconizada pela Secretaria de Saúde do Município (12 unidades de preservativos masculinos para mulheres que fazem uso deste método como contraceptivo), com uma unidade extra para a realização de novas testagens no domicílio.

Objetivando facilitar a negociação deste insumo, as mulheres também levaram unidades de preservativos masculinos, para poderem realizar mix na utilização dos métodos. Ainda, levando em consideração que qualquer método contraceptivo pode apresentar falhas, as mulheres foram orientadas a procurarem imediatamente a unidade de saúde diante de intercorrências para solicitação da contracepção de emergência.

Foi agendado com as participantes o retorno à unidade de saúde para a realização das entrevistas após um mês de experimentação dos preservativos femininos. Do total das participantes, 14 compareceram à unidade nos dias agendados. Para as demais, foi realizada busca ativa em domicílio.

A organização dos dados coletados por meio das entrevistas, roteiro abaixo, transcorreu a partir do agrupamento e análise do material mediante a recorrência de ideias das participantes. Após esta primeira análise, o material foi categorizado em temáticas de acordo com as semelhanças frente às experiências com o uso do preservativo feminino.

Com o objetivo de consolidar as categorias de análise, os discursos das mulheres foram validados por meio de análises teóricas que permitissem entendê-los a partir do contexto sociocultural em que as participantes se inseriam. A Teoria do Construcionismo Social foi utilizada por ser considerada a que mais se adequava ao conteúdo das mensagens.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) sob protocolo de nº 1889/08.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Perfil das participantes do estudo

Do total de 20 mulheres, mais da metade (13) é proveniente do município de Juazeiro do Norte - CE, sendo as demais procedentes de municípios circunvizinhos e de outros estados.

Em relação às características socioeconômicas, a maioria das mulheres tem menos de 30 anos de idade e estudou de oito a dez anos. Apesar de escolarizadas, a maioria (13) não exerce atividade remunerada, sendo domésticas.

Roteiro de Entrevista semiestruturado aplicado às participantes

Nome (em siglas): _____ N° de registro na pesquisa: _____

1. Por que você desejou experimentar o preservativo feminino?
 2. Conte-me como foi sua experiência com o uso do preservativo feminino. Caso não tenha usado o preservativo feminino pule para a pergunta 09.
 3. Quais as facilidades (vantagens) e dificuldades (desvantagens) que você pode relatar com o uso do preservativo feminino? Comente um pouco sobre as mesmas.
 4. O que você pode me falar a respeito das características do preservativo feminino, tais como tamanho, lubrificação, aros externo e interno, poliuretano, etc?
 5. Como você apresentou o preservativo feminino a seu parceiro sexual? Conte-me sobre isto.
 6. O que o seu parceiro sexual achou do preservativo feminino? Como ele reagiu quando você quis usá-lo? Fale-me um pouco sobre isto.
 7. Você acha que o preservativo feminino facilitou a prática de uma relação sexual segura? Por quê? Fale-me sobre isto.
 8. Você se sentiu segura em evitar uma gravidez indesejada com o uso do preservativo feminino? Por quê? Caso tenha usado o preservativo feminino prossiga para a pergunta 10.
 9. Quais os motivos que te levaram a não utilizar o preservativo feminino? Por que estes motivos estiveram presentes? Fale-me sobre estes motivos. Prossiga para a pergunta 10.
 10. Por fim, de acordo com tudo o que você me revelou, supondo a ocorrência de distribuição do preservativo feminino pelas unidades de saúde, você adotaria o preservativo feminino como método contraceptivo? Por quê?
-

Dentre as que exercem atividades remuneradas, a maioria (06) recebe de meio a um salário mínimo. O rendimento total das famílias é de até um salário mínimo para metade das participantes. Seis famílias vivem com até dois salários mínimos e quatro famílias entre três e quatro salários.

Em relação à distribuição das participantes de acordo com a conjugalidade, n° de filhos e início da vida sexual, verificou-se que a maioria das mulheres (15) são casadas ou vivem em união estável. Metade apresenta um tempo de união de quatro a sete anos. Mais da metade (14) tem de um a dois filhos.

O início da vida sexual ocorreu entre os 15 e 20 anos de idade para a maioria das participantes (15).

Mais da metade das mulheres (13) referem até sete anos de prática contraceptiva. Os métodos utilizados atualmente para regulação da fecundidade são respectivamente os contraceptivos hormonais (orais e injetáveis) e os preservativos masculinos. Duas mulheres no entanto, não utilizam métodos contraceptivos e uma participante faz uso do coito interrompido.

Primeiras impressões sobre o preservativo feminino

Quando solicitadas a testarem individualmente o preservativo feminino no consultório de enfermagem da ESF n° 24, as mulheres demonstraram ao mesmo tempo interesse e receio, mas concordaram em experimentar o método. Suas primeiras impressões foram registradas em formulário específico.

Em relação à existência de facilidades/dificuldades com o uso do preservativo, metade das participantes relatou dificuldades com o manuseio relacionada ao excesso de lubrificação.

Em relação à existência de insegurança com o uso do insumo, a maioria das mulheres não apresentou insegurança quanto à inserção, relatando que a inserção do método se deu de forma simples e fácil, acreditando que o preservativo feminino estava corretamente inserido.

A possibilidade de entrada total do preservativo feminino para dentro da vagina durante o ato sexual foi considerada difícil pela maioria das participantes (16) pela presença do anel externo.

A maioria das participantes (12) não referiu insegurança quanto à aprovação do método pelo parceiro sexual. Para as que relataram possibilidade de não aprovação justificaram aspectos relacionados ao tamanho e aparência do modelo.

Mais da metade das mulheres (12) referiram segurança quanto à eficácia contraceptiva do método, uma vez que este recobre todo o canal vaginal. Ainda quanto ao tamanho, oito participantes consideraram o preservativo feminino antiestético, relatando que o tamanho teria influência negativa na aparência do órgão genital.

Indagadas sobre se usariam o preservativo feminino ao invés do masculino na próxima relação sexual, 12 mulheres disseram preferir utilizar o preservativo feminino, revelando curiosidade com uso do insumo. Cinco mulheres optariam pelo preservativo masculino.

Questionadas quanto à possibilidade de substituição dos contraceptivos utilizados pelo preservativo feminino, 13 mulheres responderam que este poderia ser adotado como método contraceptivo. Sete mulheres afirmaram que pretendiam manter os contraceptivos atuais.

Quanto à primeira impressão sobre o preservativo feminino, 18 apresentaram impressão positiva. Duas mulheres tiveram uma impressão negativa, o que não lhes impediu de continuar participando da pesquisa e utilizar o método. Segundo estas, com o uso contínuo a impressão negativa inicial poderia ser desfeita.

Experiências com o uso Preservativo Feminino: o método como contraceptivo.

Revelar experiências sexuais, particularmente se estas afloram em meio a regras e ditames inerentes à sexualidade, significa revelar comportamentos relacionados a bases culturais e históricas, embora vividos como experiências privadas.

Para as mulheres, expor uma parte íntima de suas vidas, envolta em um feixe de valores morais, torna-se um desafio. Apesar disso, as mulheres se mostraram solícitas ao relatar como vivenciam as práticas contraceptivas e como vivenciaram o uso do preservativo feminino nas práticas sexuais.

Com o objetivo de atender o princípio ético de confidencialidade, os verdadeiros nomes das participantes da pesquisa foram substituídos por sentimentos, garantindo a não identificação das mesmas. Optou-se pela escolha de sentimentos para designá-las, uma vez que as mulheres vivenciaram ou vivenciam rotineiramente tais sentimentos no seu dia-a-dia, especialmente na vida íntima com o parceiro sexual.

Os discursos das participantes do estudo foram ricos e permitiram a elaboração de três categorias temáticas, definidas de acordo com os objetivos da pesquisa e seu referencial teórico. Estas originaram seis subcategorias, descritas abaixo:

- Categoria 1 - Estranheza: o primeiro contato com o preservativo feminino
 - Subcategoria 1: Fantasias que se desfazem com o uso
 - Subcategoria 2: Interferências do preservativo feminino na relação sexual
- Categoria 2 - Experiências com o uso do preservativo feminino: a opinião do parceiro sexual
- Categoria 3 - Preservativo Feminino como método contraceptivo: desejos e desafios
 - Subcategoria 1: Influências das características do método na proteção sexual
 - Subcategoria 2: Aprovado, no entanto, não adotado
 - Subcategoria 3 Um basta aos efeitos colaterais
 - Subcategoria 4: A dupla proteção: é melhor prevenir que remediar

Estranheza: O primeiro contato com o Preservativo Feminino.

Fantasias que se desfazem com o uso

O preservativo feminino inicialmente despertou dúvida e certa descrença devido à possibilidade de interferências

negativas no nível de atividade sexual. Estas logo foram substituídas por sensações gratificantes uma vez que as mulheres perceberam que o preservativo feminino não interferiu negativamente na sua vivência sexual.

Ah foi ótimo, eu gostei [...]. Porque assim eu num senti nada, que o povo dizia que podia sentir [...] eu achava que podia ter uma diferençasinha, um incômodo. A pessoa fica incomodada, mais eu num senti isso não - Inveja

A introdução de um método no canal vaginal pode despertar nas mulheres ansiedade. Tais percepções podem surgir como resultado de discursos construídos e propagados na comunidade. O preservativo feminino, por ser um método considerado novo por algumas mulheres, pode ter seu uso associado a dificuldades e experiências negativas, mesmo nunca tendo sido utilizado por elas, que muitas vezes apenas ouviram falar do método.

Questões vinculadas à escassez de informações a respeito do preservativo feminino e dos aspectos físicos e biológicos do sistema reprodutor feminino, aliadas à necessidade de colocação do método dentro da vagina, processo que não é familiar à maioria das mulheres³, bem como a construção cultural que reforça, nessas mulheres, a compreensão do corpo feminino como propriedade masculina e o senso comum de que a utilização de um método que possa interferir no cotidiano das práticas sexuais de um casal pode ocasionar desajustes e interferência negativa.

A utilização cotidiana do preservativo feminino pode interferir na eliminação destes discursos comuns, facilitando as inovações sexuais e elevando as possibilidades de proteção sexual, uma vez que após manejo contínuo e adequado do método, as mulheres podem se sentir mais seguras e confiantes.

[...] a princípio eu fiquei com medo, fiquei com medo dele entrá, ou intão dele, dele rasgá, mais depois eu [...] na, na [...] depois da primeira relação com ele, nas outras, eu achei normal, eu achei que ele num é inseguro não. Ele é seguro sim - Indignação

Foi estranho porque [...] a maneira de colocar. Eu tentei colocar [...] demorava um pouquim. Mas depois eu fiquei me acostumando, me adaptei né? Acho que era pouco de prática também porque nunca tinha usado [...]. Nas outras vezes já foi entrando no ritmo né, já tinha assim, mais prática- Espanto

As participantes inicialmente relataram dificuldades no manuseio do artefato, receios de que o mesmo se rompesse

durante o ato sexual e insegurança quanto ao uso. A utilização cotidiana do preservativo feminino nas práticas sexuais reforça nas mulheres a sensação de segurança e confiança na proteção sexual.

A dificuldade de manuseio pode ser explicada pela pequena ou nenhuma experiência das mulheres com a utilização de métodos intravaginais de barreira.^{6,7} Esta realidade é corroborada por alguns autores como resultado da carência de intimidade com seus corpos em decorrência das questões culturais e de gênero.^{4,8,9}

Interferências do preservativo feminino na relação sexual

A adoção de insumos nas práticas sexuais pode despertar nos atores envolvidos sentimentos e sensações que podem se manifestar de maneira positiva ou negativa, contribuindo ora para a melhoria do intercursos sexual ora prejudicando sua evolução.

Eu achei que é bem melhor, no meu caso, eu não tenho tanta lubrificação e com a outra (masculina), fica assim um pouco mais seca e com essa fica totalmente lubrificada e a gente num sente dor nenhuma - Saudade

Eu me senti bem, eu me senti confortável. Achei que a relação é mais gostosa. Achei milbó mesmo em tudo [...] achei mais gostoso (risos). A gente tá [...] fazendo milbó né que [...] porque tá tudo molhadim [...] né a vagina na hora do pega pá capá (risos) - Desejo

A aprovação do método parte da vivência sexual agradável promovida pelo preservativo feminino, especialmente em função de suas características, como a lubrificação, que propiciou às participantes a ocorrência de um ato sexual prazeroso, sendo esta característica do método considerada uma vantagem importante.

O preservativo feminino possui maior lubrificação quando comparado com o modelo masculino. Algumas mulheres não produzem lubrificação vaginal suficiente que facilite a penetração peniana, o que culmina na realização de um ato sexual doloroso e não prazeroso. Assim, a lubrificação presente no insumo tanto facilita sua colocação no canal vaginal como a penetração peniana durante o ato sexual.⁵

No entanto, para algumas mulheres, a experiência com o uso do preservativo feminino não foi tão positiva assim:

Ó eu vou ser bem sincera, assim [...] não gostei não, é muito desconfortável. Me machucou muito, eu achei que me machucou

muito na hora de colocar [...]. Senti dor, incômodo na vagina, na hora da gente ter a relação - Tristeza

Porque é tão dum jeito que pá você colocá, e você fica com as mãos toda melada de óleo né, e fica até em tempo de você num sabê, nem butá direito, porque fica iscurregano, uma coisa - Solidão

O que para algumas mulheres foi tido como vantagem, para outras foi considerado desvantagem. A lubrificação foi considerada excessiva e causou dificuldade principalmente na hora do manuseio do método. É fato que muitas mulheres consideram o preservativo feminino demasiadamente oleoso.³

Incômodo e dor mediante utilização do preservativo feminino foram outras características consideradas negativas a respeito do método. De fato, a queixa mais frequente sobre os preservativos femininos é que, além de parecerem demasiadamente longos, são difíceis de serem inseridos e seus anéis causam graus diferenciados de desconforto.^{3,7}

Além destes fatores, existem outros que podem contribuir para a consolidação de uma visão negativa do método.

Só achei ruim porque naquela posição (mulher em cima, homem em baixo) não podia fazer né? - Alegria

Só uma coisa que eu não gostei [...] questão de posição e algumas coisas que com ela não daria para fazer (sexo oral) - Desejo

Algumas mulheres acreditaram na impossibilidade, com o uso do preservativo feminino, da adoção de outras posições sexuais que não a tradicional. Para algumas o insumo somente pode ser utilizado com o homem por cima e a mulher deitada por baixo dele de pernas abertas.¹⁰

Essa situação pode ser considerada preocupante, uma vez que as mulheres podem optar pela não adoção do preservativo feminino, já que para estas o método impossibilitaria ao casal a realização de práticas sexuais rotineiras e prazerosas.

Embora recomendações educativas sejam feitas, não há garantia de que todas as mulheres irão concretizar na prática as recomendações a elas dirigidas. De fato, ao serem abordadas para utilização dos preservativos femininos durante os momentos educativos, as participantes da pesquisa foram informadas a respeito da não existência de restrições quanto ao uso do insumo, podendo este ser adotado em quaisquer das posições rotineiramente utilizadas pelo casal, e não impossibilitar a prática do sexo oral. No entanto, descrenças sobre estas condições ainda se fizeram presentes.

Experiências com o uso do preservativo feminino: a opinião do parceiro sexual

Apesar de o preservativo feminino ser considerado um método que confere maior autonomia às mulheres, a opinião dos parceiros sexuais apresenta-se como fundamental para o uso do mesmo e sua continuidade.

Na hora que eu mostrei a ele, ele ah [...] achou [...] gostô [...] achou ótimo [...] achou que [...] que foi diferente, ele acho que o feminino dá pra senti a sensibilidade mais do que o masculino - Interesse

Ele gostô muito, achô ótimo e [...] achô o que eu tava achando também [...]. Porque facilitô assim pra fazê a penetração dele - Ira

As participantes relataram que seus parceiros aprovaram o preservativo feminino em decorrência de algumas características do método, essencialmente a lubrificação, o material feito a base de poliuretano e o tamanho do preservativo.

As relações de gênero estipulam ao homem a vivência de uma sexualidade prazerosa sem obstáculos e sem pudores. Desse modo, modelos que possam facilitar ao homem o alcance do prazer sexual são considerados bem vindos.

Assim, a lubrificação do insumo foi tida como facilitadora da penetração peniana e em associação com o poliuretano repercutiu na vivência de uma relação sexual prazerosa aumentando a sensibilidade. Ainda, o tamanho do preservativo feminino foi considerado positivo por alguns homens, uma vez que permite um aumento do tempo de duração do ato sexual em decorrência da redução de pressão peniana, que ocorre muito comumente com o uso do análogo masculino, de tamanho menor.

No entanto, a aprovação do preservativo feminino não foi unânime entre todos os parceiros sexuais.

Ele falou, meu esposo falou que era uma coisa muito estranha, que fica assim, veno né, toda aquela parte por fora né [...] como se tivesse tirado assim um pouco da inibido (libido) dele né (risos). Meu marido não se sentiu à vontade, pra ele incomodou [...] ele realmente não teve orgasmo com a camisinha - Amor

É porque assim, aqui sempre incomoda né, porque, é diferente né você num usar nada e usando a camisinha né? E o homi, ele sempre vem com essa história né, de que é melhó sem nada e tudo mais né? - Tristeza

As opiniões desfavoráveis por parte dos parceiros sexuais resultam da estética do preservativo feminino vinculada ao seu tamanho e da cultura predominante entre alguns homens da não utilização de preservativos.

As relações de gênero conferem ao homem a necessidade de alcance do prazer sexual e a liberdade de práticas sexuais. Deste modo, rejeitar mudanças requeridas nas práticas sexuais torna-se comum, especialmente se estas podem interferir no alcance de seu prazer sexual. Frente ao uso do preservativo, tornam-se comuns discursos que reforçam a crença de perda de sensibilidade e de prazer no ato sexual.

De fato, a perda de sensibilidade no ato sexual e a falta de espontaneidade com o uso dos preservativos são objeções constantes do sexo masculino, e propagam-se como tabus dificultando a adoção de práticas sexuais seguras pelo casal.^{11,12}

Ainda, a estética do preservativo feminino foi apontada como fator de redução do desejo sexual do parceiro. Neste contexto, não se pode afirmar com certeza se esta redução vincula-se essencialmente à estética do método ou ao receio de se utilizar um método novo nas relações sexuais, o que pode suscitar no homem dúvidas quanto ao desempenho sexual. Medo de experimentar o novo pode culminar em risco para o desempenho sexual inadequado, o que reforça nos homens a preferência por não fazer uso do método.¹³

Preservativo feminino como método contraceptivo: desejos e desafios

Influências das características do método na proteção sexual

Algumas características do preservativo feminino são pontuadas pelas participantes como importantes para a proteção contraceptiva.

Já a feminina eu me confio na feminina, já na masculina não [...] aquele negócio de istorá a gente corre um risco né. E a feminina não, a gente vê que ela é mais bem confortável, mais grossa que a masculina e dá mais sigurança - Preocupação

Bom, assim, pelo material [...] assim o formato dela, a gente vê que realmente ela vai tapá todo o útero, toda a entrada do espermatozóide, e aí, em relação a essa sigurança, aí ela tem né? - Amor

Relatos sobre o tamanho do preservativo feminino, características da acomodação do método no canal vaginal

e discursos acerca da espessura, consistência e resistência do material do qual o modelo feminino é produzido, o poliuretano, estão presentes nos depoimentos das mulheres e traduzem as sensações de segurança e confiança no método.

A acomodação do preservativo feminino dentro do canal vaginal das mulheres foi considerada fator importante para a prevenção de gravidez. Por permitir envolver todo o canal, a comunicação entre colo do útero e espermatozoides encontra-se interrompida. Essa característica, porém, não ficou totalmente entendida e algumas mulheres, por desconhecimento em relação à sua anatomia genital, imaginaram que, ao ser introduzido dentro de seu canal vaginal, o preservativo feminino iria revestir todo o útero, como se vê no relato de Amor: *“vai tapá todo o útero”*.

De fato, o preservativo feminino representa uma adição recente e potencialmente importante às alternativas contraceptivas de barreira, uma vez que, por ser feito de poliuretano, ele é mais resistente que o preservativo masculino, feito de látex.¹⁴ E por ser maior e mais extenso, chega a cobrir uma área maior, além do intróito vaginal, permitindo também proteção de grandes e pequenos lábios frente à exposição ao líquido seminal, o que confirma que o preservativo feminino oferece mais proteção que o masculino.

Aprovado, no entanto não adotado

As experiências com o uso do preservativo feminino foram consideradas positivas pela maioria das mulheres, levando à aprovação do método como contraceptivo. Porém, a aprovação pelas mulheres não significa necessariamente a adoção do insumo como contraceptivo, uma vez que a imposição do parceiro sexual para o não uso do método interfere na decisão de usá-lo, como expressam os discursos abaixo:

Eu levaria (como método contraceptivo) pra ficar melhó [...] aí se ele num quiser eu não posso fazer nada, vai ter que voltar tudo pro, pro que tava. Do mesmo jeito - Solidão

Porque eu acho que o parceiro é o principal né? [...] porque no meu caso o meu marido foi que num gostou da camisinha feminina, acho horrível, pra ele não valeu a pena, num valeu de jeito nenhum o ato sexual - Curiosidade

A submissão feminina ao sexo masculino fica evidente nos discursos acima, em que as participantes relataram inviabilidade de manutenção da relação sexual com o parceiro caso elas desejassem adotar o preservativo feminino.

Dificuldades de negociação ficam aí evidenciadas, uma vez que as mulheres abdicam de seus desejos de manutenção de uma relação sexual prazerosa e segura por encontrarem obstáculos na comunicação e persuasão dos parceiros sexuais para a utilização do artefato, ficando totalmente submissas à decisão destes.

Entraves culturais e de gênero podem ser considerados fatores importantes para as dificuldades de negociação apontadas. De acordo com o Construcionismo Social, o gênero não se volta para questões de identidades individuais de homens e mulheres, pelo contrário, desenvolve-se mediante as peças dos discursos, organizadas num sistema de significados disponíveis aos indivíduos de forma a darem sentido as suas posições.¹⁵ Desse modo, as posições sociais resultantes de tais discursos dificultam, para as mulheres, a negociação dos preservativos, uma vez que a linguagem social estabelece e propaga, para a mulher, obediência às decisões do sexo masculino.

Algumas condições são relatadas pelas mulheres como respostas à submissão vivenciada. A dependência financeira e o medo do abandono pelo parceiro são considerados como as principais.

É que tem mulher que não trabalha como eu não trabalho, então dependendo dele, eu passo por certas situações [...] é engolir sapo - Preocupação

Se você não agrada ele, vai ter outras que vai agrada [...] é melhor ter uma dentro de casa do que lá fora [...] pra evitar que ele arranje outra - Preocupação

A dependência financeira perante o parceiro é crucial e interfere diretamente na tomada de decisões da mulher, devendo esta, em consequência da presença do parceiro na manutenção financeira do lar, respeitar e obedecer ao mesmo, não devendo discordar das opiniões e decisões tomadas por ele.

As queixas sobre imposições sexuais dos homens, a falta de diálogo ou a supremacia das decisões deles, denotam a assimetria dos papéis e a subalternidade feminina.⁹ As mulheres acabam dessa forma assumindo e reforçando os papéis tradicionais impostos pelas relações de gênero, que dão ao homem a função de provedor do lar e, à mulher, a função tradicional de boa mãe e excelente esposa.¹⁶

Os papéis sociais mediante as relações de gênero reforçam uma divisão sexual do trabalho, valorizando e desvalorizando as atividades que são desenvolvidas pelos seres humanos de acordo com o seu sexo. Dessa forma,

historicamente, o trabalho é aquele que rende lucro, que tem valor monetário. Como o homem é o provedor do lar, o que trabalha fora, o que traz o sustento da casa, é com o seu trabalho que a renda da família é garantida. O contrário se aplica à mulher, como seu papel está voltado para a maternidade e para a educação dos filhos, ela deve estar restrita ao lar, desempenhando cuidados domiciliares que não trazem nenhum lucro financeiro.¹⁶

Seguindo essa linha de pensamento, as mulheres acabam assumindo o fato de não trabalharem. Embora não trabalhem fora, essas mulheres desempenham atividades domiciliares, que por mais que não rendam lucros em termos de remuneração, não deixa de ser um trabalho muitas vezes árduo e cansativo.

Ainda, a presença de relacionamentos duradouros e estáveis justificaria o receio que as mulheres têm de serem trocadas por outras mulheres após anos de convivência conjugal.

Em relacionamentos estáveis, as chances de não uso do preservativo são maiores, devido às dificuldades impostas pelas relações de gênero existentes nos relacionamentos duradouros.¹⁷

Ainda, é evidente a distinção pelas participantes do estudo da existência de duas categorias de mulheres, as “de casa” e as “da rua” como no discurso de Preocupação “*é melhor ter uma dentro de casa do que lá fora [...] pra evitar que ele arranje outra*”. Esta distinção reforça nas mulheres a ideologia da monogamia e satisfação sexual dentro de casa como fator de proteção sexual. As mulheres da “rua” acabam sendo consideradas como as responsáveis pelas enfermidades que assolam os lares quando parceiros insatisfeitos dentro de seus domicílios frente às suas necessidades sexuais procuram aventuras extraconjugais, ou quando esta situação toma maiores proporções, troca a parceira por outra. A segunda situação parece ser a mais temida pelas mulheres.

Um basta aos efeitos colaterais

Algumas participantes discursaram a respeito da aprovação do preservativo feminino como método contraceptivo, relatando que caso o mesmo fosse distribuído pelo Programa de Planejamento Reprodutivo este seria adotado em substituição aos contraceptivos hormonais.

Levaria (como método contraceptivo). E no meu caso que eu não posso usá, esses, esses outro tipo de anticoncepcional [...]. Porque eu sinto, eu sinto muita gastura, muita dor de cabeça. Mal istá. Eu não me dô - Espanto
Sim (adotaria como contraceptivo), porque é um, é um preser-

vativo bem siguro. Num tá pricisano de você tá tumano todo dia comprimido, né. Só acumulano aquela massa no útero né. Porque acumula né? E você num vai tê medo de engravidá, de rasgá, de fazê qualqué outra coisa - Desejo

Os métodos contraceptivos hormonais foram associados pelas participantes ao convívio com inúmeros efeitos colaterais tais com a presença de mal estar generalizado, traduzido em náuseas e cefaleia e a preocupação com a possibilidade de acúmulo do método dentro do organismo.

Os contraceptivos hormonais orais possuem uma série de formulações contendo diferentes tipos e dosagens de hormônios sintéticos. Assim, a escolha aleatória pode contribuir para a má adaptação ao método, pela falta de controle de possíveis efeitos colaterais, dentre eles, os transtornos de humor e o mal estar muitas vezes generalizado.¹⁸

A aprovação do uso do preservativo feminino, além de estar associada à sua maior segurança, decorre também da proteção que ele oferece à saúde da mulher, uma vez que o uso dos contraceptivos hormonais está associado por elas à acumulação gradativa do método no organismo feminino, conforme Desejo: “*só acumulando aquela massa no útero né, porque acumula né*”.

Novamente, observa-se o precário conhecimento que as mulheres possuem a respeito de sua anatomia e fisiologia reprodutora. Esse desconhecimento interfere fundamentalmente na vivência sexual, na escolha e no uso de métodos contraceptivos, na avaliação de sua inocuidade e efetividade, bem como de seus efeitos.⁹

Por fim, o preservativo feminino é eleito como substituto aos contraceptivos hormonais, levando-se em consideração a comodidade, já que, para garantir a proteção contraceptiva, não se tem a obrigatoriedade da tomada diária dos comprimidos ou a aplicação mensal das ampolas.

A dupla proteção: é melhor prevenir que remediar

A utilização do preservativo feminino foi considerada importante para a proteção sexual em relação à aquisição de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), como apontado nos discursos abaixo.

[...] porque, evita várias doenças né? [...] Então a pessoa que deve se cuidar né, das doenças [...]. Se as vez, sai com outra mulher, eu não to sabendo, eu também to evitando doença contra ele. [...] Ai eu vou confiar? - Raiva

Porque a gente não sabe o que o marido da gente apronta por ai na rua né? Ai evita muita doença [...]. - Temor

Adotar o preservativo feminino nas relações sexuais resulta essencialmente da falta de confiança no parceiro sexual. O homem é considerado infiel pelas mulheres, podendo trazer doenças para dentro da casa.

A solicitação para uso do preservativo pela mulher ganha legitimidade na ótica do parceiro, sob o argumento de que suas práticas sexuais “na rua” põem em risco a saúde da família. Esta situação pode gerar desavenças para o casal, uma vez que pode ficar claro para o parceiro que a companheira desconfia da fidelidade dele.⁹

O comportamento masculino e feminino é delimitado pelas relações de gênero e os papéis são compreendidos por aqueles que compõem a trama de um relacionamento conjugal. Se a fidelidade é exigida da mulher, para o homem, o oposto é indicador de virilidade. Desta forma, as mulheres da pesquisa incorporam como natural esta condição masculina, que invariavelmente está relacionada às relações de gênero, embora possa não aceitá-la necessariamente.

As aventuras extraconjugais podem culminar na aquisição de DST. Incorporando essa realidade, as mulheres relatam a importância da utilização de métodos que garantam sua proteção além de contraceptiva, frente às doenças adquiridas mediante a promiscuidade dos seus parceiros.

CONCLUSÃO

Inúmeras são as opções contraceptivas preconizadas para composição do elenco de métodos que devem ser ofertados no Programa de Planejamento Reprodutivo. Na prática, infelizmente, estas opções não estão disponíveis em sua totalidade. Embora se vislumbrem esforços para a melhoria e estruturação na qualidade dos serviços prestados em assistência à anticoncepção, muito ainda precisa ser feito para que estes serviços possam contemplar e satisfazer a clientela na efetivação de seus direitos reprodutivos.

Não basta simplesmente ofertar todos os métodos contraceptivos existentes ou requeridos. Acompanhar e orientar a utilização adequada dos métodos constitui uma ação primordial, com impactos positivos na qualidade de vida dos usuários.

Ainda, apreender a dinâmica relacional de um casal usuário de determinado tipo de método contraceptivo pode facilitar a atuação dos serviços e dos profissionais de saúde na elaboração de estratégias que venham repercutir positivamente na consolidação das práticas sexuais e contraceptivas. É nesse cenário que o uso do preservativo feminino deve ser analisado.

Embora a maioria das mulheres revelasse experiências positivas com o uso do preservativo feminino, relatando

sua aprovação como contraceptivo, observou-se a força da construção histórica e cultural das relações de gênero presente na vida destas participantes, e como essa construção contribui para a não adoção do preservativo feminino como método contraceptivo, mesmo tendo sido aprovado por elas. A opinião do parceiro sexual se mostra preponderante e exclusiva nas decisões que remetem à vida e às práticas sexuais do casal.

Estimular a participação do parceiro sexual nas consultas de Planejamento Reprodutivo e em atividades educativas pode contribuir sobremaneira para o processo de comunicação entre o casal.

Cabe ressaltar que um passo já foi dado por estas mulheres, que pode ser compreendido como uma condição que, aliada à existência de informações sobre o preservativo feminino e conhecimento corporal, poderá facilitar a negociação do uso do método nas relações sexuais. O fato de as participantes decidirem levar aos domicílios as unidades de preservativos femininos revela-se como uma condição de enfrentamento de uma posição social e cultural da qual fazem parte. Decidir utilizar o insumo nas relações sexuais, muitas vezes sem o apoio do parceiro sexual, torna estas mulheres candidatas às mudanças que podem ter impacto positivo na vida e proteção sexual.

Salienta-se a necessidade de introdução e discussão da temática “gênero” nos programas de atividade educativa com homens e mulheres. Nesse momento, informações a respeito de sexualidade, sexo, empoderamento feminino, utilização de métodos contraceptivos, entre eles os preservativos masculinos e femininos, podem ser discutidas e questionadas.

Quanto à organização da atenção prestada à mulher, ainda é necessário percorrer um longo caminho para que seja possível garantir-lhe informações e tecnologias para o exercício de suas escolhas reprodutivas de forma autônoma. Divulgar o uso de insumos tecnológicos que possam favorecer à mulher maior capacidade de decisão para proteção sexual pode ser um bom começo.

No entanto, para que tais ações tenham sucesso frente às mulheres, faz-se necessária uma sensibilização dos profissionais de saúde, para que estes, sensibilizados quanto às temáticas femininas, possam atuar diretamente sob a perspectiva das mulheres, tentando compreender o universo na qual estas estão inseridas e procurando fornecer a estas condições de empoderamento.

Dessa maneira, as mulheres poderão ter seus direitos sexuais e reprodutivos contemplados, exercerem sem receios e preconceitos suas práticas sexuais e vivenciarem de forma protegida e prazerosa as relações sexuais, desconstruindo

práticas sociais impostas e que inevitavelmente as impedem de sentirem-se autônomas e felizes.

Financiamento: O referido estudo foi financiado pelo Núcleo de Prevenção de Doenças (NUPREV) da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, através da disponibilização de preservativos femininos necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Assistência em planejamento familiar: manual técnico. Brasília: Ministério da Saúde; 2002. Série A. Normas e Manuais técnicos.
2. Costa AM, Guilhem D, Silver LD. Planejamento familiar: A autonomia das mulheres sob questão. *Rev Bras Saúde Matern Infant.* 2006 jan/mar; 6(1):75-84.
3. Programa Conjunto das Nações Unidas para o SIDA (ONUSIDA). O Preservativo feminino e a SIDA: ponto de vista da Onusida. Mozambique: ONUSIDA; out. 1998. Coleção Boas Práticas da ONUSIDA.
4. Santos CL, Pessoa IN, Pereira PFQ, Freitas T. Preservativo feminino: uma nova perspectiva de proteção. *Rev Enferm UERJ.* 2005; 13(2):270-4.
5. Oliveira, NS, Moura ERF, Guedes TG, Almeida PC. Conhecimento e promoção do uso do preservativo feminino por profissionais de unidade de referência para DST/HIV de Fortaleza: o preservativo precisa sair da vitrine. *Rev Saúde Sociedade.* 2008; 17(1):107-16.
6. Buchala CM, Carvalho MHM, Fernandes MEL, *et al.* Aceitabilidade do preservativo feminino entre mulheres atendidas no centro de referência em saúde da mulher e de nutrição, alimentação e desenvolvimento infantil. *Rev Ginec Obstet.* 1998; 9(1):12-8.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Aceitabilidade do Condôm Feminino em Contextos Sociais Diversos. Relatório Final de Pesquisa. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde; 1999.
8. Magalhães J, Rossi AS, Amaral E. Uso de condôm feminino por mulheres infectadas pelo HIV. *Rev Bras Ginec Obstet.* 2003; 25(6):389-95.
9. Araújo JN, Moreira MHC. Planejamento familiar: autonomia ou encargo feminino? *Psicol Est.* 2004; 9(3):398-9.
10. Welbour A. Sexo, vida e preservativo feminino: o ponto de vista das mulheres com HIV. *Quest Saúde Reprod.* 2007 Jul; 2(2):101-11.
11. Almeida AN, Vilar D. Literacia e práticas contraceptivas masculinas. *Rev Sexualid Planej Fam.* 2008 jul/dez; 1:50-1.
12. Bandeira VMP, Diógenes MAR. O uso do preservativo masculino e feminino entre alunos de enfermagem da Universidade de Fortaleza. *Rev Enferm UERJ.* 2006 jan/mar; 14(1):74-9.
13. Kalckmann SA. Avaliação da continuidade de uso do preservativo feminino em unidades do Sistema Único de Saúde, na Grande São Paulo [tese]. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; 2007. 130f.
14. Sakondhvat C. The female condom. *Am J Public Health.* 1990; 80:498.
15. Whetherell ML. Linguist repertories and literary criticism: new directions for a social psychology of gender. In: Gergen M, Davis S. *Feminism and discourse: psychology of gender.* New York: Routledge; 1997.
16. Araújo MLG, Souza JRM. Gênero - origem. In: Souza JRM, Araújo MLG, Viana R, organizadores. *Desvelando os gêneros, desvelando o cotidiano.* Casa Lilás. Associação Mulheres em Movimento; 2002. p. 5-18.
17. Faria N. *Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista.* São Paulo: Sempreviva Organização Feminista - SOF; 1998.
18. Carvalho O, Pirota KCM, Schor N. Apoio: a forma predominante de participação na regulação da fecundidade do casal. *Saúde Soc.* 2000; 9(1/2):61-76.

Submissão: maio de 2010

Aprovação: julho de 2010
